

pág. \_\_\_\_\_  
rel. \_\_\_\_\_  
proc. \_\_\_\_\_  
data \_\_\_\_\_

UM  
Núcleo de Guimarães  
ESTUDO PRÉVIO

II - ORDENAMENTO PAISAGISTICO, ARRANJO DOS  
ESPAÇOS EXTERIORES E INFRAESTRUTURAS

pág. 001  
rel. M.D.  
proc. 362  
data Março 83

## ESTUDO PAISAGISTICO DOS ESPAÇOS EXTERIORES

Do alto da torre do castelo de Guimarães tem-se uma vista, em primeiro plano, deste vale onde estamos a estudar a implantação de um complexo universitário.

Se hierarquizarmos o espaço de enquadramento paisagístico do castelo o campo que se desenvolve a Norte centrado neste vale tem um grande peso porque contém o panorama com maior abertura e profundidade visual, unidade de paisagem e exposição visual às muralhas.

O vale e os terços inferior e médio das encostas têm uma compartimentação agrícola com folhas irregulares armadas em socalcos. O terço superior da encosta a Norte tem um uso florestal com eucaliptos e pinheiros.

A vista do castelo à distância e a paisagem ainda têm uma expressão rural mas são visíveis os sinais do impacto urbano. Novas construções de habitação, equipamento escolar, etc estão a ocupar esta zona e, sem dúvida, constatamos que a actividade agrícola perdeu a preferência de uso e conseqüentemente a estrutura deste espaço que lhe serviu de suporte está irremediavelmente condenada.

No detalhe observamos já um abandono e princípio de degradação da paisagem agrícola. A carga populacional é de transição e a carga de utentes cresce e exige serviços de limpeza, de saneamento básico, de consistência e conforto.

pág. 002  
rel. M.D.  
proc. 362  
data Março 83

O conflito entre as estruturas rurais e as necessidades do desenvolvimento urbano da Cidade são um processo irreversível e se não há aqui mais lugar para o ruralismo decadente da paisagem actual também não o deve haver para a urbanização especulativa indiferente ao significado histórico do sítio e aos valores do património cultural que estão presentes.

Face ao conteúdo dos programas urbanísticos que se dirigem para esta zona: a construção da variante, a implantação deste complexo de ensino e observando o ritmo e distribuição das construções de habitação que surgem, concluimos que é urgente definirmos qual o tipo de paisagem que se deseja ter aqui e desenvolver o ajustamento do programa urbanístico a esse tipo de paisagem.

Em linhas gerais o tratamento desta paisagem deve assentar na estabilização do uso florestal nos festos e encostas que fazem a contenção da linha do horizonte a Norte. Planificar o crescimento dos núcleos habitacionais e impedir a dispersão do casario. Controlar a qualidade da arquitectura. Enquadrar o complexo universitário num Parque Urbano a ocupar todo o espaço disponível entre o castelo e a variante.

O Parque é a alternativa urbana mais segura para se obter um excelente enquadramento paisagístico do castelo, da silhueta da Cidade e principalmente dos edificios e da actividade do complexo universitário que fica localizado no seu interior.

A concepção para a organização geral do espaço que propomos ajusta-se à morfologia natural do terreno, conserva elementos da estrutura de caminhos e respeita as conexões com o espaço envolvente.



pág. 003  
rel. M.D.  
proc. 362  
data Março 83

A implantação dos edifícios foi resolvida atendendo às seguintes con  
dicionantes paisagísticas:

- Não ocupar o corredor do vale principal nem o do vale secundário.
  - Não destruir nem obstruir as construções existentes tendo particular atenção com o enquadramento do núcleo de lavoura situado no enfiamento a Este dos edifícios da 1ª fase.
  - Desenvolver os arruamentos que dão alinhamento a edifícios segundo a orientação das curvas de nível.
  - Não diluir as construções no Parque mas criar uma relação de harmonia e equilíbrio entre espaços e volumes com variadas situações de dominância.
  - Manter uma integração que garanta a unidade entre o espaço específico da universidade e o espaço "independente" do Parque.
  - Embora a construção do Parque seja do maior interesse para a qualidade ambiental deste espaço universitário, a sua localização e a área proposta dão-lhe uma dimensão à escala da Cidade. Por isso a sua realização deve merecer o interesse da autarquia.
  - As entradas e a rede de circulação interna estão estudadas de forma a possibilitar acessos independentes ao Parque e ao complexo universitário sendo controláveis as comunicações internas entre ambos.
- Em termos de percepção visual do espaço e no uso dos espaços não há de facto qualquer separação ou diferenciação entre o Parque e os edifícios, há apenas uma possibilidade de controlo que pode ser eventualmente necessário.

pág. 004  
rel. M.D.  
proc. 362  
data Março 83

- Nos acessos e espaços de circulação em volta dos edificios arquitetamos um sistema de espaços com a continuidade que a topografia do terreno permite, não construímos diferenças entre passeios, ruas e estacionamento mas criamos espaços para essas funções de uma forma não exclusiva dando polivalência aos espaços.
- As zonas de serviço, de acesso e de circulação intensa são pavimentadas com cubos e lajetas de granito, sempre arborizadas com árvores de grande porte plantadas em caldeiras de nível. O corredor de ligação entre a entrada da Universidade e a zona do Parque vai no seu último traço dar acesso às cozinhas. Se observarmos bem o projecto constatamos que não há conflito no duplo serviço deste acesso construído em calçada à antiga portuguesa e coberto com uma ramada.
- A área que se propõe para ser trabalhada na primeira fase tem consistência e unidade para poder ser construída integralmente incluindo os espaços exteriores, mas seria ideal poder-se construir toda a parte do Parque entre os edificios da primeira fase e a Rua de D. Teresa, isto ocupando toda a Quinta do Verdelho.

*L. de S. P. de S.*